

# PASTORAL

---

JÚLIO TAVARES REBIMBAS  
BISPO DO ALGARVE

---

**2**



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 119 2-2 Cota n.º 303

119



# PASTORAL

JÚLIO TAVARES REBIMBAS  
BISPO DO ALGARVE

2

Casa da Cultura António Bentes  
biblioteca

— «Os bispos abracem sempre com especial caridade os sacerdotes, que compartilham das suas funções e solitudine, e tão zelosamente satisfazem esses deveres com o trabalho de cada dia, considerando-os como filhos e amigos e, portanto, mostrando-se prontos a ouvi-los e tratando-os com confiança, procurem dar nova vida a toda a actividade pastoral da diocese inteira.

Preocupem-se com as condições espirituais, intelectuais e materiais dos mesmos, para que possam viver santa e piamente, e exercer com fidelidade e fruto o seu ministério. Com este fim favoreçam as instituições e organizem reuniões espirituais, a que os sacerdotes acorram algumas vezes quer para fazer exercícios espirituais mais longos em ordem à renovação da vida, quer para se aperfeiçoarem nas ciências eclesiásticas, sobretudo na Sagrada Escritura e na teologia, nas questões sociais mais importantes, bem como nos novos métodos de acção pastoral. Tenham uma compaixão prática pelos sacerdotes que se encontram nalgum perigo ou faltaram já a alguns dos seus deveres.» (C. D. 16)

ESTAS PALAVRAS FORAM DITAS NO ENCONTRO  
DOS PRESBITEROS DO ALGARVE COM O SEU BISPO,  
EM FARO, NO DIA 30 DE JANEIRO DE 1968.

JUNTAM-SE-LHES MAPAS ESTATISTICOS PARA  
MELHOR SE SITUAREM ALGUNS PROBLEMAS DIO-  
CESANOS E TUDO SE DEDICA AOS QUE SERVEM  
O POVO DE DEUS.

**A** O completarem-se dois anos da sua vinda para o Algarve é bom que o bispo tenha com os sacerdotes mais um tempo de reflexão, aliás toda a actividade pastoral deve ser reflectida e sumariamente ponha em comum as alegrias e as esperanças, os problemas e as inquietações, o menos certo e o melhor das horas de todos nós. E ao mesmo tempo que tudo sirva de valorização sacerdotal e de incentivo para operar evangêlicamente, sinal único da autenticidade pastoral.

O tempo em que vivemos, sendo obra de Deus, é participação nossa. Somos padres de hoje, na Igreja de hoje, para homens de hoje, atentos a tudo o que pode servir ou prejudicar.

Situados no tempo e condutores para a eternidade, a resposta do presbitério tem de ser adequada e sem equívocos, na linha certa da fidelidade ao que não muda e de ajustamento do circunstancial. Por outras palavras, numa linha de construção fiel a Deus e aos homens.

Nestes dois anos tem sido minha preocupação constante e primeira, como haveis visto, o presbitério diocesano. E assim deve ser sempre.

O povo de Deus, sendo a razão de ser do exercício do nosso sacerdócio, pois a ele fomos enviados, compromete-nos de maneira indeclinável e reclama-nos instantemente nos seus caminhos para nos «fazermos tudo para todos a fim de todos se salvarem». O trabalho de salvar todos implica em nós posições prévias fundamentais, sem as quais poderíamos cair em activismo improficuo, ou em situações paradas, um e outras mal entendidos impropriedades de um sacerdócio vivido plenamente.

dote aclara a realidade do que é e se manifesta a oposição dos contrários.

Quisera, caríssimos padres, que fôssemos «inquietação e desassossego», apelo permanente entre os homens para Deus e que, sendo sinais de contradição, só o fôssemos na fidelidade ao Evangelho.

### 3. RELAÇÕES BISPO - PRESBITEROS

O presbítero não existe por si só. «Participando com os bispos no mesmo e único sacerdócio e ministério de Cristo, a unidade de consagração e missão requer a sua comunhão hierárquica com a Ordem episcopal» (P. O.). É o cooperador, o conselheiro, o irmão, o melhor amigo do bispo. Companheiro da jornada, mesmo e principalmente nas horas difíceis, tem a certeza de que o Senhor nunca falta, como não faltou àqueles dois que, tristes por tudo o que tinha acontecido, iam silenciosos a caminho de Emaús.

Sendo vital a relação bispo-presbítero, de tal modo que a falta de unidade no presbitério seria inautenticidade eclesial, quero-vos significar quanto tem sido para mim a alegria mais íntima o sentir-vos comigo.

Os homens têm sempre defeitos. Os padres e os bispos também. Queria não ter o defeito de não vos amar, o que nem sempre é agradar, porque sou o vosso bispo e porque tenho sentido a reciprocidade do vosso amor. Nestes dois anos que foram os primeiros passos duma experiência episcopal que não tinha, desde o primeiro dia, vós tendes sido cooperadores da Ordem episcopal e amigos do vosso bispo.

A Sagrada Eucaristia, «vínculo de todos os ministérios e obras de apostolado», temo-la concelebrado e desejo ardentemente que seja «fonte e coroa de toda a evangelização». No dizer de S. Tomás, é como que a consumação da vida espiritual e o fim de todos os sacramentos. Não poderia entender-se a espiritualidade de um sacerdote se não fosse envolvida pela Eucaristia; nem entender-se o apostolado que dela não deri-

vasse e nela não confluísse; seria caminho inflacionário aquele que levasse a actividades pastorais não radicadas na Eucaristia. Na nossa existência eucarística encontramos tudo o que nos falta e da abundância de Cristo em nós participam os nossos irmãos.

#### 4. RELAÇÕES MÚTUAS DOS PRESBITEROS

Não basta o aperfeiçoamento das relações bispo-presbíteros. É carácter da extensão sacerdotal a perfeição das relações mútuas dos presbíteros.

Irmãos na ordenação e no presbitério, corresponsáveis na obra comum da edificação do Corpo Místico de Cristo. Amigos na caridade apostólica, no ministério, na fraternidade.

Como poderia o homem da Palavra de Deus e da Caridade, o homem da mesma Eucaristia, viver ausente do «vínculo da perfeição, da oração, da omnimoda cooperação que manifestam aquela unidade na qual Cristo quis que os seus fossem consumados, para que o mundo conhecesse que o Filho foi enviado pelo Pai?...» (Cl. P. O. 8).

«Em virtude da comum sagrada ordenação e missão, todos os presbíteros estão entre si ligados em íntima fraternidade, que espontânea e livremente se deve manifestar no auxílio mútuo, tanto espiritual como material, pastoral ou pessoal, em reuniões e na comunhão de vida, de trabalho e de caridade» (L. G. 28). Por este motivo, são ainda palavras conciliares, os mais idosos recebam os mais novos como irmãos e ajudem-nos nos seus primeiros empreendimentos e encargos do ministério; esforcem-se por compreender a sua mentalidade, embora diferente e ajudem com benevolência as suas iniciativas.

Do mesmo modo, os jovens reverenciem a idade e a experiência dos mais velhos, aconselhem-se com eles nas questões referentes à cura de almas e colaborem de bom grado» (P. O. 8).

O espírito de irmão obriga a procedimento fraternal. Para uma verdadeira compreensão entre irmãos, todos com virtudes e também ninguém sem defeitos, é mister, antes e acima de

tudo, uma existência de caridade. Será em vão fazer depender o bom entendimento sacerdotal de uma economia de ajustamentos pastorais, em que uns dêem experiência e outros juventude, se não os antecipamos e os não cobrimos com a actualidade permanente do amor. Amor benevolente, compreensivo, sem desânimos, que não procura impôr-se, mas convence e que nunca pede fogo de céu para ninguém. Doutro modo não reconheceria o mundo, em nós, que o Filho foi enviado pelo Pai. Nem poderia dizer de nós «vêde como eles se amam».

## 5. DINAMISMO SACERDOTAL

O nosso tempo não comporta quietudes pastorais. Como escreveu o então Cardeal Montini, «o povo não voltará. O padre é que tem de se deslocar. Cumpre-lhe tornar a ser missionário se quiser que o cristianismo continue a ser e se torne um fermento vivo da civilização».

Paulo VI, na sua nunca demais lida e meditada encíclica «Ecclesiam Suam», depois de indicar que a Igreja deve reflectir para se renovar, acrescenta que não basta uma atitude de conservantismo na Igreja. Guardar o depósito que nos foi transmitido é sem dúvida fundamental. Não menos o é difundi-lo, ofertá-lo, anunciá-lo (Cf. E. S.). A palavra evangélica é imperativa. O Senhor não aconselhou que fôssemos, mandou.

Ora ir é, antes de mais, ter consciência da própria condição e missão; é conhecermo-nos apóstolos do nosso tempo, na Igreja, sempre a mesma e sempre nova, «guiada pela revelação divina e pelo magistério instituído pelo próprio Cristo» (Cf. E. S.). É reflectirmos na relação vital da Igreja com Cristo, «vendo-O nela, pois é Ele vivo, quem por ela ela ensina, governa e confere a santidade» (Cf. Myst. Corp.).

Nós não somos nós, mas Cristo. Na consciência do mistério da Igreja o apóstolo ouve a voz de Deus para o serviço dos homens seus irmãos e entende a força vital do chamamento e da missão.

Grande coisa é ser chamado, maior ainda o ser escolhido.

O Senhor escolheu-nos para O anunciar, para *ir*. Escolheu-nos para ser Ele. Não disse Santo Agostinho: «... fomos feitos Cristo. Pois se Ele é a cabeça, nós somos os membros; homem completo somos Ele e nós. Logo a plenitude de Cristo constituem-na a cabeça e os membros. Que vem a ser a cabeça e os membros? — Cristo e a Igreja».

Dinamismo eclesial assim se entende, caríssimos padres, actividade pastoral assim é: *ir* pelo nosso Algarve, certos de que somos Cristo, anunciando-O aos homens, acrescentando a Santa Mãe Igreja seu Corpo Místico.

Reflectindo no mistério da Igreja, como nos parecem mais pequeninas as fúteis coisas deste mundo. Como o supérfluo é mais banal, como nos sentimos menos *eu* e mais o que somos pelo baptismo e ordenação sacerdotal.

Como nos distanciamos de sábios academismos, de distinções subtis, de ciência sem sabedoria, de casuísticas complexas e de uma fenomenologia que nos poderia impedir de ver o cerne da questão. Da questão que é esta: — ser ou não ser Cristo.

## 6. A ORAÇÃO

Ainda será verdade que a oração é a alma de todo o apostolado?...

É uma pergunta pertinente, talvez demasiadamente pertinente, diante do ruído de tantas actividades afadigadas, de tantas preocupações reformadoras que correm mundo, dando a impressão de não haver muito tempo para rezar. Pelo menos não haver muito tempo para a oração pessoal.

Ora esta não é conselho evangélico somente, mas necessidade absoluta, como necessária é a oração da Igreja.

O homem ou reza ou está errado. O padre mais ainda. Seria alguma coisa de infracção cristã e apostólica a sua falta, porque ela continua a ser meio indispensável de salvação e alma de todo o apostolado. Nem este o seria mesmo que o parecesse.

Em livro notável, escreveu há cerca de vinte anos, o Cardeal Suhard: — «O apóstolo, sacerdote ou leigo, tem de pôr no primeiro plano dos valores da sua existência, a oração, o reco-

lhimento silencioso, a oração e tudo aquilo de que ela se nutre, como retiros, colecções, frequência dos sacramentos. O officio divino deve ser o alimento quotidiano do ministro de Deus, que haurirá numa intensa devoção e sobretudo no amor à Santíssima Virgem, a seiva de que precisa. A oração mental, a leitura espiritual, a Santa Missa, a frequência dos sacramentos, não são simples «práticas» a que importa sacrificar uma parte mais ou menos considerável da acção; são a fonte indispensável, o alimento substancial duma vida cristã. Não se trata dum verniz superficial ou dum regime artificial que se pode dosear à vontade. Só haverá autêntico apostolado com a condição de haurir de Deus, de Cristo e da sua Igreja, a vida divina que nós temos por missão comunicar». (Deus, Igreja, Sacerdócio).

Estas palavras de um grande Bispo são de actualidade permanente.

«Orai sem cessar», diz S. Paulo. O padre é o homem que reza, pessoalmente e na Igreja, porque sendo homem de Deus e dos irmãos — homem da Igreja — é de si mesmo e da comunidade. Sem a força da oração constante («é preciso rezar sempre») seria grande o seu prejuízo pessoal, «activismo» o seu trabalho pastoral e motivo de enfraquecimento eclesial.

— Vós, caríssimos padres, os homens das mãos consagradas para abençoar; os homens da Palavra de Deus com o poder de oferecer o Sacrificio e de celebrar a Missa pelos vivos e defuntos em nome do Senhor; os homens a quem foi dito pelo bispo «àqueles a que perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos»; vós, caríssimos irmãos e amigos, assim carregados de mistério e ministério, vivendo num mundo que nem sempre vos entende, trazendo «tesouros em vasos quebradiços», como poderíeis subsistir sem que a oração fosse a alma de todo o vosso apostolado?...

## 7. O ANÚNCIO DA PALAVRA

Evangelizar é anunciar a Mensagem de Salvação com amizade, compreensão e paciência. Seria contra-indicada a atitude possessiva daquele que agisse como «senhor» de toda a ver-

dade, quando dela é servidor. Operar evangêlicamente, seguindo os passos daquele que «sendo o Senhor se fez servo».

A conversão é obra de Deus. A nós pertence-nos colaborar, sabendo ouvir os outros, esperando, transmitindo. E de nós deve partir a linguagem própria para os homens do nosso tempo: anunciadora, missionária, meditada previamente, sem erudições ininteligíveis, simples e profunda. Linguagem que diga «o que vimos e ouvimos», ilumine os homens, conduzindo-os ao encontro com Cristo, dando-lhes uma perspectiva cristã dos acontecimentos e trazendo-os à comunhão da Eucaristia. Linguagem sem gongorismos ou intelectualismos, porque não falamos para apreciadores de belas tiradas de retórica ou para críticos religiosos, mas para filhos de Deus que esperam de nós a Palavra do Pai. E a Palavra é encontro com Cristo ou não é. Perspectiva-se na transcendência e na imanência, melhor se dirá, é transcendente e imanente.

Por graça de Deus, nós, sacerdotes, somos os homens da Palavra de Deus. Os que o Senhor envia a anunciá-lo no Algarve. Os homens da grande esperança, talvez vozes que clamam no deserto, mas que falam de Deus aos homens, que dizem a verdade em nome de Cristo crucificado que ressuscitou dos mortos. Homens firmes na fé que pregam «como se vissem o invisível».

## 8. O NOSSO ALGARVE

Centenas de anos pesam sobre a existência da cristandade algarvia e podemo-la fazer remotar à idade apostólica e pensá-la até como das primeiras, senão a primeira, do território nacional.

As convulsões dos tempos, com os fluxos e refluxos de variadas gentes, a evangelização que suportou embates sucessivos e, depois da reconquista cristã, a permanência na fé, situam o Algarve como terra onde o Evangelho tem foros de cidade, venerável tradição e vivência que se exprimiu em missionários e santos e num povo dócil e cristão.

Ossónoba, Silves e Faro são nomes de sedes episcopais correspondentes no tempo e no lugar à movimentação cristã.

Como é compreensível, não foi sempre igual a situação. Altos e baixos, períodos brilhantes e outros obscurecidos pelas fraquezas humanas se foram alternando, mas sempre a alma do povo permaneceu cristã.

Na estatística dos volumes da expressão cristã do País, a nossa diocese figura, com a de Beja, nos últimos degraus da escala. Importa reflectir sobre as causas da situação actual, examinar objectivamente e responder pastoralmente. Esta resposta não é sortilégio de processos, programação tecnocrata, onde as leis da sociologia, úteis sem dúvida e necessárias, fossem termos absolutos. Na pastoral há que considerar, essencialmente, Cristo e o homem. Aquele que salva e aqueles que importa salvar. O pastor é ministro, servidor de Deus e do homem, e só é autêntico nesta dupla fidelidade suportada na comunidade de salvação instituída por Cristo.

Muita coisa se tem modificado na sociedade dos homens, nossos irmãos, que são povo de Deus que caminha na terra. A fidelidade aos princípios e ao Magistério da Igreja é uma constante de toda a renovação pastoral, nem nada a pode prejudicar. Mas o tempo dos homens é diferente, Cristo é anunciado a homens concretos, envolvidos na problemática de hoje, no Algarve.

Por isso, com lucidez, serenidade, persistência, humildade e confiança na Igreja, havemos de estar atentos ao mundo que nos rodeia, certos de que somos, por vontade do Senhor que nos chamou, elementos básicos no rejuvenescimento cristão.

Alongai os vossos olhos e prolongai a preocupação das vossas almas de um extremo ao outro da nossa terra e vede a multidão dos baptizados.

Contai aqueles cuja fé esclarecida e adulta é esperança de tempo novo, e são os que vivem com fé, esperança e caridade, na Igreja.

Avaliai a extensão dos que crêem em Deus, de certo modo, por se ficarem num mero sentimento religioso, à espera de quem lhes partisse o pão, os alimentasse, os promovesse cristãmente. Marginando à beira do caminho na sua existência arrastada de filhos de Deus, são dôr para a nossa alma de pas-

tores, povo em apelo constante, diríamos, com saudades de Deus, que espera e sente a ancestralidade religiosa, dócil, acolhedor e bom. Anda nele a fé dos simples que se não esgota o sentido teológico da virtude — e quem o esgota?... é alguma coisa de tão valioso que pode salvar.

E aqueles que desertaram ou nunca conheceram a Cristo, os que não O reconhecem em nós, os que O recusam e dizem — Deus para quê? e de quem nós somos igualmente irmãos.

Vêde a massa flutuante que o turismo faz passar no meio de nós. Fenómeno ambivalente em todas as suas incidências, mórmente no sector religioso. Uns vêm, outros vão, alguns ficam e, em qualquer dos casos, encontram-se conosco. Encontram-se com a terra, o mar e o céu e com as pessoas. E se tudo é belo, merece-nos atenção especial aquilo que poderá não ser tão belo.

O turismo motiva o desenvolvimento e este não se reduz a um simples crescimento económico. «Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista: não aceitamos que o económico se separe do humano, nem o desenvolvimento, das civilizações em que ele se inclui. O que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira». (P. P. 14).

Tudo vale ou não vale em relação ao homem. E o homem vale em relação a Deus, não podendo «organizar a terra sem Deus, porque seria organizá-la contra si mesmo». (P. P. 42).

À Igreja do Algarve cabe dar resposta cristã, mais concretamente, cabe acolher os que vêm, defendendo todos os valores e fomentando todas as energias, não alheada duma problemática que é sua e que, por desatenção ou abstenção, poderia ser geradora de uma dicotomia que ninguém deseja.

## 9. AS VOCAÇÕES SACERDOTAIS

Na seriação sumária de alguns elementos básicos promotores do desenvolvimento cristão, consideramos, em primeiro lugar, *vocações, seminários e sacerdotes*.

Tem sido preocupação dominante, desde a primeira hora, que a diocese obtenha, em número e qualidade, aqueles candidatos ao sacerdócio que permitam recuperar a insuficiência actual e dar ao nosso Algarve a situação elementar que permita uma distribuição e actuação pastorais mais razoáveis. É um trabalho de toda a comunidade: de leigos, de presbíteros e do bispo. Trabalho persistente, tantas vezes ingrato no contexto sócio-religioso, vultuoso no esforço que se tem feito, mas que ainda não corresponde ao que é necessário. E todavia temos de ser lúcidos e corajosos, nesta escalada fundamental. Deus que chama serve-se de nós. Principalmente têm a palavra as famílias cristãs e os párocos. É binómio permanente nas vocações sacerdotais, sem o que as esperanças se desvaneceriam.

Para conhecimento refere-se que o número total de alunos da diocese era, em 1952-53, de 40; em 1953-54, de 60. Foi crescendo até atingir o total maior de sempre, em 1960-61, com 151 alunos. Neste mesmo ano lectivo foram 54 alunos admitidos pela primeira vez e havia em teologia, só um... Houve uma curva descendente que se tem vindo a acentuar e temos no ano lectivo corrente, 80 alunos em preparatórios, 11 em filosofia e 11 em teologia, o que é manifestamente insuficiente.

As perspectivas só melhorarão se acelerarmos o esforço da Obra das Vocações e mais se incrementar a indispensável colaboração, tornamos a dizê-lo, das famílias cristãs e dos sacerdotes.

De vós, caríssimos padres, espera a Igreja, espera o Algarve, a dedicação e amor que lhes tendes dado, em actuação crescente que reponha, em número e qualidade, uma maior sementeira de esperanças sacerdotais.

E se não bastar o Algarve, há que ir além, estender a mão suplicante a quem nos ajude, sem limite de fronteiras, porque o reino de Deus não as tem. E é possível que novas perspectivas se abram.

## 10. OS SEMINÁRIOS

Com as vocações sacerdotais anda o problema dos Seminários.

Julgamos providencial, embora tendo em conta algum in-

conveniente, que os nossos alunos de filosofia e teologia se preparem no ambiente formativo actual,

Se vários factores levaram à necessidade da «diáspora», poucos a contra-indicam e muitas são as vantagens. Aliás é de ritmo conciliar, para além da premência das circunstâncias, o caminho traçado. Só há que registar a benevolente compreensão de quem recebe os nossos alunos e lhes dá, como aos próprios, o saber e a preparação espiritual e pastoral para os tempos de hoje.

Nesta cidade de Santa Maria de Faro está o Seminário de S. José. É o primeiro centro de preparação dos futuros sacerdotes. Consequentemente, podemos repetir, «o coração da diocese», onde mais carinho se pede, onde mais se tem de dar àqueles que são a grande esperança. Trazêmo-lo debaixo dos nossos olhos e nas preocupações diárias. Demos-lhe, logo que foi possível, os elementos formativos que melhor nos pareceram, sacrificando-lhe tantos gritos de necessidades urgentes que sentimos de toda a diocese. O Seminário tudo merece e na hierarquia diocesana não se presta a ficar em lugar que não seja o primeiro, é sempre a necessidade maior. Esta condição de prioridade motiva formulações exigitivas concretas.

Sendo o Seminário, como é, comprometimento de toda a Igreja do Algarve, em primeiro lugar é compromisso que vincula aqueles a quem foi confiada a missão de educar para o sacerdócio. Missão capital e por isso mesmo da maior delicadeza, onde a inteligência e a cultura e a preparação pedagógica valem, na medida em que houver espírito sacerdotal e consciência dele e amor à Igreja; na medida em que cada um não pense só por si, nem só para si, mas pense e trabalhe para o Seminário. São estas coordenadas, gerais, mas insubstituíveis, que ordenam válidamente a formação dos nossos futuros padres.

No último decénio aumentaram as despesas da manutenção do Seminário, incluindo os alunos em Lisboa, de Esc: 378 610\$70, para Esc: 667 651\$50. Igualmente aumentou a generosidade dos fiéis e vós sois alma indispensável deste crescimento.

Em todo o caso é bom lembrar, para melhor se compreender a insistência do pedir para o Seminário, que em 1966-67,

foram mais de Esc. 55.500\$00, em cada dos doze meses do ano, dispendidos com a manutenção de todos os nossos alunos...

Necessita o edifício de Faro de urgentes obras de restauração de forma a ser actualizado, quanto possível, e ajustado às exigências actuais. Serão os cristãos do Algarve, seremos todos nós, a realizar as obras e a Igreja conta convôscos, já que é de todos conhecida a necessidade e nela estamos comprometidos.

## 11. O PRESBITÉRIO DO ALGARVE

Vocações e Seminários ordenam-se directamente ao sacerdote, ao crescimento do presbitério diocesano.

Somos actualmente 79 sacerdotes, incluindo este vosso servo, para mais de 320.000 almas, o que dá a média ideal de 1 para cerca de 4.000. Digo média ideal, porque descontando os que já não podem, os ausentes e os não affectos directamente ao serviço paroquial, temos a média de 1 para mais de 5.400 almas. Não é animadora tal percentagem, embora nem só os numeros falem e a hora seja de esperança.

Se atentarmos nas idades, temos: 2 sacerdotes com mais de 90 anos; 1 com mais de 70 e menos de 80; 7 com mais de 60 e menos de 70; 23 com mais de 50 e menos de 60; 23 com mais de 40 e menos de 50; 13 com mais de 30 e menos de 40; e 10 com menos de 30.

Resulta a média geral de 46 anos de idade para o clero da diocese.

Se olharmos retrospectivamente, registamos: em 1908, 119 sacerdotes; em 1918, 86; em 1959, 75; em 1965, 67 (menor número de sempre); e em 1967, 79.

— A população aumentou, as exigências pastorais aumentaram, é fácil tirar conclusões...

## 12. PROCESSOS PASTORAIS

Diante destas realidades do nosso Algarve, impõe-se considerar, como já vos tenho referido, certos processamentos pastorais.

Estamos no nosso tempo. Não, há cinquenta anos ou sequer há vinte ou dez. A dispersão diminui a eficácia e leva-nos a pensar em grupos, em comunidades de sacerdotes que mutuamente se ajudem e melhor possam agir pastoralmente. Comunidades ditadas por autêntico espírito eclesial-sacerdotal e até pelas dificuldades que de tantos modos envolvem os sacerdotes dispersos.

Nem sempre será possível e nem em todos os casos viável. Mas são de aconselhar essas comunidades, mais próximamente para os grandes centros e para aquelas zonas distantes em que o isolamento do sacerdote é risco permanente de se prejudicar. Voluntariamente havemos de ir criando essas situações comunitárias, expressão certa nos tempos que correm.

E não só comunidades locais mas também grupos apostólicos, acrescentaria de sacerdotes e leigos, que actuem em toda a diocese, ajudando a pesada tarefa daqueles que estão em missões dispersas.

Não creio que seja utopia pensar-se assim, nem creio que não haja disponibilidade para fazer-se assim. Há certamente que dar tempo ao tempo, até que chegue a hora que o Senhor destinar.

— E aos afluxos mais intensos do turismo que duplicam ou triplicam, em certas épocas, as populações, não haverá possibilidade de uma melhor assistência religiosa, mercê de colaporação mais formal de outras dioceses em relação ao que já se vem fazendo, planeando-se um programa mais eficiente?... Não vêm os turistas de outras dioceses?... Não será o nosso Algarve, aberto a todo o mundo, um problema de ordem cristã-nacional, por outras palavras, um problema especial da Igreja Portuguesa?...

### **13. ESPÍRITO DE POBREZA — CÔNGRUA SUSTENTAÇÃO**

Sendo base imprescindível do apostolado sacerdotal o espírito de pobreza, é mister ter em conta a digna sustentação do clero.

É tão censurável o espírito de lucro como o abandono às

incertezas da vida daqueles que têm a missão de servir e melhor serviriam se não estivessem condicionados por circunstâncias de economia.

O padre tem direito a viver dignamente; tem direito ao agir do seu bispo na solução justa e caritativa da sua situação económica; tem direito à prevenção para as doenças e impossibilidades do exercício do ministério.

Certamente que estes direitos entram em composição com a função sacerdotal, com o espírito de entrega, com a doação, de direito e de facto, da sua vida, diàriamente, por causa do Reino dos Céus. Certamente que esses direitos são para libertação e a sua justa execução não desordena, antes fortalece, a prioridade do espírito de pobreza que enobrece o carácter sacerdotal.

A solução de problema tão premente e de tanta sensibilidade na vida dos pastores preocupa justamente os sacerdotes, preocupa o bispo e deve preocupar os fiéis. Só em espírito de Igreja, de fraternidade cristã, só com as mãos dadas o presbitério o poderá resolver. As soluções ideais, e então nesta matéria, não se improvisam e exigem de todos um caminho progressivo que vá elementando posições e criando espírito muito fraternal de confiança mútua que, antes de mais, é preciso fazer crescer.

Os primeiros passos da Fraternidade Sacerdotal do Algarve já foram dados e esperamos, sinceramente, que se chegará a bom termo.

#### 14. APELO AOS IRMÃOS

Permita-se-me aqui e ainda na problemática da falta de clero, aludir a um aspecto importante e delicado que é imprescindível considerar na visão realista dos acontecimentos.

Não temos clero suficiente. Compreendemos que é este, não o único, mas o mais grave problema pastoral da diocese.

É palavra conciliar que os bispos «se interessem particularmente por aquelas regiões em que não foi ainda anunciada a palavra de Deus ou em que, sobretudo por causa da escassez

de sacerdotes, os fiéis correm o perigo de se afastarem da prática dos mandamentos e até de perderem a fé. E ainda «que se esforcem por preparar ministros sagrados aptos, e auxiliares, tanto religiosos como leigos, para as missões e territórios que não têm clero». E que «cuidem, quanto for possível, que alguns dos seus sacerdotes vão para essas missões e dioceses, para aí exercer o ministério sagrado definitivamente ou, pelo menos, durante algum tempo».

É legítimo, portanto, ter esperanças.

Desde que tomei a responsabilidade de pastor desta diocese, logo comecei a solicitar ajuda, continuando os passos de quem me precedeu e seguindo as orientações conciliares. São muitas as dificuldades, como é fácil de compreender, e as coisas não são tão simples como à primeira vista pode parecer. Mas não deixaremos que a esperança se desvaneça e mantê-la-emos acesa como na primeira hora.

Louvado seja Deus pelos novos sacerdotes ordenados e por aqueles que já começaram a vir de outras dioceses. Registamos, com particular alegria, a presença entre nós de 4 sacerdotes da Arquidiocese de Braga, 2 de Leiria, 1 de Aveiro, 1 do Porto e 1 de Viseu.

Apesar do Senhor ter chamado a Si três e mais três se terem impossibilitado, o número total que era de 67 em 1965, é agora de 79. Os que chegam são acolhidos como irmãos, porque vêm sem outro intuito que não seja servir.

Desejamos que estas palavras, ditas na presença do presbitério do Algarve, vão ter ao coração dos meus Irmãos no Episcopado a quem seja possível ajudar-nos e ao coração de tantos sacerdotes generosos e sejam apelo dos que precisam aos que podem, gesto humilde de mão estendida que pede pão para os seus filhos.

O mesmo gesto desejamos ter para com as Ordens e Congregações religiosas, outrora tão florescentes no Algarve. Também no último ano e em linha de compreensão pastoral foi reforçada com mais um sacerdote a única comunidade religiosa de sacerdotes de toda a diocese. E uma nova Congregação, a das Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, se estabeleceu em S. Lourenço do Palmeiral, para serviço da dio-

cese, perfazendo o número de seis comunidades de religiosas actualmente no Algarve.

A todos nós fará bem pensar numa diocese, neste Portugal cristão, com mais de 320.000 habitantes, em que por toda a parte se vêem marcas da benemérita presença das Ordens Religiosas e que conta, agora, *uma só comunidade de religiosos e seis de religiosas...*

Pedimos, continuamos a pedir, esperamos e temos confiança.

## 15. CONSTRUIR E RESTAURAR

O desenvolvimento por que passa todo o Algarve motiva, em alguns casos com urgência, a construção de lugares de culto consoante as zonas de crescimento populacional. Não só com os olhos no presente mas conjugando quanto possível as hipóteses futuras.

Em terra cristã o progresso também é construir Igrejas, expressão de vitalidade espiritual e de fé.

Praia da Rocha e Monte Gordo são nomes a citar em primeiro lugar. Cacela, Quelfes, Faro, Almancil, Quarteira, Senhora da Piedade, Praia de Alvor, Penina, etc., virão a seguir.

Com as Igrejas novas, e ainda antes, vem a restauração das antigas. Assim se tem feito e presentemente andam a ser reparadas as de Olhão, S. Lourenço de Almancil, Querença, Porches, Estômbar, Pera, Santa Catarina da Fonte do Bispo.

Há necessidades clamorosas como nas Igrejas de Martinlongo, Budens e Odeleite. A primeira em ruínas desde há anos, a mais urgente necessidade de quantas, neste capítulo, tem a diocese; as outras duas em estado muito precário. Esperamos que ainda este ano sejam iniciados trabalhos de restauração destas três pobres Igrejas.

São necessárias obras na Sé de Faro, na de Silves, em S. Sebastião de Loulé, em Alcantariilha, na Conceição de Faro, em Castro Marim, em Marmeleite, em Odeceixe, Aljezur e Bordeira e em várias outras Igrejas. Construíram-se nestes dois últimos anos duas novas capelas e são de considerar novas

construções em «povos» distantes dos centros paroquiais, bem como restaurações nas já existentes. Ocorrem-nos os nomes das povoações do Rogil e Alfambras, no concelho de Aljezur, de Canhestros, em Silves, das Ferreiras, em Albufeira, de Baiurcos, em Alcoutim, para a construção de novas capelas. E a restauração das da Carrapateira, Espiche (Lagos), Senhora da Saúde, em Messines, Santa Margarida, em Alte, Senhora do Rosário, na ilha do mesmo nome, e outras.

O Senhor não nos faltará e todos havemos de ir progressivamente renovando os templos da nossa terra e a alma cristã do nosso povo.

Construir e restaurar é obra de todos nós. Temos confiança de que, para além do esforço local, que será sempre o primeiro, havemos de contar com aqueles que aqui investem valores e fomentam o progresso. O Algarve, na posição cimeira do turismo nacional, compromete todos e merece a atenção de quantos podem e devem desenvolvê-lo humana e cristãmente.

## 16. PROMOÇÃO CRISTÃ DO LAICADO

Diz-nos o sagrado Concílio do Vaticano que «tanto os bispos como os párocos e demais sacerdotes de ambos os cleros, devem ter presente que o direito e o dever de exercer o apostolado são comuns a todos os fiéis, clérigos e leigos, e que também estes últimos têm um papel a desempenhar na edificação da Igreja». E que «tratem paternalmente com os leigos na Igreja e tenham deles cuidado especial nas suas obras apostólicas». (A. A. 25).

Os nossos irmãos não clérigos, caríssimos padres, são chamados por Deus para santificar o mundo em que vivem como fermento, manifestando Cristo, pelo testemunho da vida que levam, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. Compete-lhes especialmente iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais que elas sejam sempre feitas segundo Cristo. (L. G. 31).

Se nós, bispos e presbíteros, fomos constituídos pastores é em serviço dos demais. E em todos «um só e o mesmo é o Espírito que opera todas estas coisas». (I Cor. 12).

Reconheçamos e fomentemos a dignidade e responsabilidade dos leigos na Igreja; recorramos espontaneamente ao seu conselho prudente, entregando-lhes confiadamente cargos em serviço na Igreja, dando-lhes liberdade de acção, animando-os até a tomarem a iniciativa de empreendimentos. (L. G. 37).

Todos fomos chamados à Santidade. Se há uma variedade admirável na Santa Igreja, todos somos membros uns dos outros, em Cristo. Cabendo-nos ser pastores, pertence-nos abrir caminho, conduzir, santificar, ensinar, mas não suprimir os dons de Deus nos nossos irmãos; não ter portas fechadas para eles, não os substituir naquilo que é direito e dever seu.

Na estruturação cristã da diocese, nas paróquias, nas diversas actividades humanas, em organismos especializados ou em qualquer condição, educar a fé, torná-la mais esclarecida e adulta nos leigos, fazê-los apóstolos de Cristo que encontraram. Daquele Cristo que é o único que salva e de Quem, quando com Ele se vive, não se pode deixar de dar notícia, quer se seja só cristão, mais ainda sendo-se presbítero ou bispo. É imenso o trabalho que nos cabe, direi mesmo, é esse o trabalho que nos cabe. E se teologicamente assim é, mais o exige a condição de poucos que somos. Quere-o Deus, reclama-o a situação religiosa da nossa diocese.

Promover os leigos não é «massificar» a Igreja, desconsiderar a Instituição como Cristo a quis, reduzindo-a a certo estado laical, como se, a pretexto de um serviço de promoção houvesse de ser subvertido o serviço da hierarquia. A especificidade da graça de leigos e sacerdotes não permite um nivelamento geral, nem se aceitam equívocos que atentariam contra a essencialidade da Igreja. Aqueles que presidem não são elementos decorativos, nem espectadores, nem hipóteses, na peregrinação do povo de Deus. Por vontade de Cristo ensinam, santificam e governam: e neste tríplice exercício servem. Uns e outros unidos e fortalecidos «a fim de que a Igreja inteira, com a energia de todo, os seus membros cumpra mais eficazmente a sua missão para a vida do mundo». (L. G. 37).

Sempre teríamos o mesmo empenho na missão ainda que não fosse este o nosso povo.

Mas quando se percorre a diocese e de um extremo ao outro encontramos tanta bondade e sentimentos religiosos;

objecto primeiro do amor em Cristo seriam os nossos irmãos mais necessitados, os pobrezinhos.

É vontade do Senhor de Quem somos ministros e que disse: «se alguém vê o seu irmão em privações e não o ajuda, como pode estar nele o amor de Deus»? Já se escreveu que não se pode pregar a estômagos vazios e que a justiça exige que todos tenham o suficiente para viver honestamente, conforme a sua condição. A operosidade evangélica, reclama não só bons conselhos e correcção fraterna, mas que se dê de comer a quem tem fome. É doutrina certa a pregar aos nossos irmãos e a viver, antes, por cada um de nós.

Os pobres são economia habitual de uma sociedade pecadora. E não se identificando o Reino dos Céus com a extinção do pauperismo, muito menos suporta a solução da indiferença ou de simples olhares piedosos e conformadas lamentações.

A Igreja através dos tempos tem sido mãe dos pobres. Os homens da Igreja, sacerdotes e fiéis, porque amam a Deus, amam todos os seus irmãos e de maneira especial os mais necessitados. Uma extraordinária extensão de misericórdia, desde os actos dos Apóstolos ao nosso tempo, é sinal de quanto a comunidade dos cristãos tem sido fiel ao Evangelho.

Importa continuar e fazer crescer esta atitude prática da caridade. Saber dos pobres, conhecê-los, ajudá-los, promover a sua elevação.

Importa ir até aos seus tugúrios, desaprová-los, senti-los como espinho no nosso comodismo, participar na sua corôa de espinhos. E não aceitar a existência da miséria como fatalidade mais ou menos insolúvel com que nos podemos entreter a fazer o bem.

Apelo e responsabilidade, o pobre é tantas vezes uma acusação e para nós, cristãos e sacerdotes, sempre uma imagem viva do Senhor Jesus. E Jesus, caríssimos irmãos sacerdotes, ou se ama ou se despreza.

Graças sejam dadas a Deus por toda a actividade caritativa da Igreja do Algarve e seja preocupação nossa, eclesial e pessoal, o cuidado dos nossos irmãos necessitados. Além do mais a sonância escatológica avisa-nos dos termos em que será decidido o nosso destino final.

## 18. VIVER NA FÉ

É inestimável raiz de toda a florescência cristã, a fé, pois sem ela seria inanidade espiritual não poderia mesmo subsistir. Ninguém se pode salvar sem acreditar e nós, os sacerdotes, «somos devedores a todos para comunicarmos a todos a verdade do Evangelho». Somos aqueles anjos do Senhor de que fala o profeta Malaquias, a preparar o caminho do encontro do homem com Cristo.

Como em nenhuma outra época temos de ser homens de fé. Com ideias certas e seguras, sem opiniões «desfazadas» da verdade revelada, fiéis à Igreja, vivendo com Cristo e anunciando-O aos irmãos: — «Cristo crucificado, escândalo para uns, salvação para outros».

Há uma interrogação impressionante em certa passagem do Evangelho de S. Lucas: — «Quando vier o Filho do Homem, encontrará fé sobre a terra?» É expressão de uma dúvida sobre a atitude, diremos «existencial», daqueles que viverem no fim dos tempos. Sobre se terão confiança em Deus sustentada pela oração perseverante.

Os Bispos portugueses, em Pastoral Colectiva a propósito do ano da fé, perguntam: — «Ainda há lugar para Deus no mundo? Ainda há razão para se ter fé em Cristo, como nosso Deus e Salvador, morto e ressuscitado para todos os homens?»

Caríssimos padres.

Somos homens acordados ao mandato do Senhor: — «ide por todo o mundo, prègai o Evangelho a todas as criaturas». Aos que já crêem para que aumente a sua fé; aos que não crêem para que a encontrem; às crianças e aos adultos; aos que dizem que crêem e aí se ficam, para que pratiquem; aos que aceitam um Deus mais ou menos distante, para que conheçam e vivam em Cristo.

Escreveu alguém que a fé não é confortável. Mormente no mundo actual que a contesta e lhe chama alienação e fraqueza, quando ela é perfeição e força.

Crer não só no homem mas em Deus, não só em Deus mas em Cristo, não só em Cristo mas na Igreja. Este «crer» é descontrar-se de tantos que pensam que para ser fiel ao homem

é preciso deixar de ser fiel a Deus e à Igreja; é afrontar uma mentalidade de auto-suficiência dimensionada no imediato, sem querer ver para além da matéria; é não admitir o relativismo da horizontalidade que absolutiza o homem sem Deus.

É verdade que não somos anjos, nem contra o mundo, nem contra o progresso, nem iluminados que abstraissem das realidades materiais. É verdade que acreditamos no homem e em todas as suas extraordinárias capacidades e realizações. Mas acreditamos em que, se tudo é nosso, nós somos de Cristo e Cristo é de Deus. Vamos, humildemente, mais além das coisas visíveis e por elas e graça de Deus, ao conhecimento das coisas invisíveis. Crer, caríssimos padres, vem a ser, na verdade, amar a Deus e ao homem e confiar em que o Pai não é insensível ao grito dos filhos, quer seja de pão, de bondade, de verdade ou de liberdade.

— Sêde firmes na fé. Em todos os momentos lembrai-vos da barca agitada pela tempestade, de Cristo que dormia, dos apóstolos que se afligiam. Foi verdade no mar da Galileia, é verdade em todos os tempos: — «porque temeis, homens de pouca fé»?

Reflectindo sobre o que é insubstituível, para nós pastores e para todos, prossigamos na caminhada, com o Senhor e Sua Mãe Santíssima, fiéis ao que nos foi dito no dia da nossa ordenação sacerdotal: — «ensinai o que crêdes e vivei o que ensinai». Vivei na fé, promovei, educai e confirmai nela os homens, nossos irmãos.

É esta a linha de verdade evangélica, de exactidão, de coerência, que resultará em extensão e glória de Cristo ao qual convôsko desejo ser sempre fiel ao serviço do nosso Algarve.

SUPLEMENTO

MAPAS E ESTATÍSTICAS

ANOS	POPULAÇÃO TOTAL	DECLARA- RAM-SE CATOLICOS	DECLARA- RAM-SE NAO CATOLICOS
1940	317.628	303.747	13.881
1950	325.971	321.999	3.972
1960	314.841	310.950	3.891

1. Estes números são dos censos oficiais, fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística.

2. De assinalar uma diminuição sensível dos *não-católicos* no decénio de 1940 - 50.

Igualmente de assinalar a diminuição da população no decénio de 1950 - 60.

3. Segundo as estatísticas diocesanas relativas a Dezembro de 1956, os católicos com prática de missa dominical seriam 8% da população total.

Passaram-se mais de dez anos e quer-nos parecer, pela verificação de sacerdotes e leigos que, actualmente, se deve situar a percentagem dos que assistem à Missa dominical em cerca de 12%. São cálculos muito relativos que só uma sondagem mais exacta poderá confirmar.

De qualquer forma depara-se-nos uma massa de *não-praticantes* que preocupa quem quer que tenha responsabilidades de evangelização.

### FREQUÊNCIA DOS SEMINÁRIOS (1957/58 até 1967/68)

	57/58	58/59	59/60	60/61	61/62	62/63	63/64	64/65	65/66	66/67	67/68
PREPARATORIOS	81	92	115	123	107	97	101	80	70	74	80
FILOSOFIA	3	6	13	27	33	21	15	12	16	16	11
TEOLOGIA	2	3	3	1	3	7	13	13	15	14	11
TOTAIS	86	101	131	151	143	125	129	105	101	104	102

### FREQUÊNCIA DOS SEMINÁRIOS DESDE 1910

	Entraram	Foram ordenados
Decénio 1910/1920	37	9
Decénio 1920/1930	86	5
Decénio 1930/1940	97	22
Decénio 1940/1950	75	24
Decénio 1950/1960	277	5
Anos de 1961/1967	213	10
TOTAIS	785	75

SACERDOTES (1908 - 1967)		PARÓQUIAS EM 1967								
VIGARARIAS	1908	1918	1959	1965	1967	Média de idade em 1967	Número	com pároco próprio	com coadjutor	Anexas
Albufeira	6	11	5	4	4	45	4	4	1	—
Alcoutim	7	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Castro Marim	5	5	3	3	4	48	—	3	1	4
Faro	35	21	21	22	27	45	6	6	1	—
Lagoa	7	6	3	2	2	46	4	2	—	2
Lagos	7	4	5	4	4	48	3	3	1	7
Loulé	15	9	9	7	7	50	10	7	—	—
Monchique	6	3	4	3	3	45	7	2	1	1
Olhão	—	—	7	5	6	54	3	4	1	1
Portimão	5	5	3	3	4	52	3	2	1	1
S. Brás	—	5	5	2	3	44	5	2	1	1
Silves	9	7	7	6	7	41	5	2	1	3
Tavira	14	8	4	5	5	48	6	6	1	—
Vila do Bispo	3	2	1	1	1	48	4	4	—	3
<b>TOTAL</b>	<b>119</b>	<b>86</b>	<b>75</b>	<b>67</b>	<b>77</b>	<b>46,5</b>	<b>71</b>	<b>46</b>	<b>9</b>	<b>25</b>

**OBSERVAÇÕES:**

1. A vigararia de Alcoutim foi anexada a Castro Marim e S. Brás, antes de 1918.
2. A vigararia de Olhão foi criada depois de 1918.
3. A vigararia de Faro inclui, em 1967, 4 sacerdotes religiosos, 1 diácono e 1 minorista.
4. Em 1967 estavam ausentes da diocese 2 sacerdotes que, com os 77, perfazem o número total de 79.
5. De 1965 a 1967, morreram três sacerdotes e saíram da diocese três.
6. O número total de sacerdotes (79), inclui 4 religiosos, 21 sacerdotes oriundos de outras dioceses e 54 naturais do Algarve.

POPULAÇÃO EM 1967 (1)				EM TODA A DIOCESE	
VIGARIARIAS	Presente	Ausente	Habitantes por sacerdote	ANOS	HABITANTES P' R SACERDOTE
Albufeira	16.223	—	4.055	1908	2.250
Castro Marim	26.360	—	6.590		
Faro	39.485	—	1.484 (2)		
Lagoa	13.707	—	6.853	1918	3.610
Lagos	26.217	—	6.552		
Loulé	38.956	—	5.565		
Monchique	14.587	—	4.862	1959	4.470
Olhão	30.371	—	5.061		
Portimão	23.827	—	5.956		
S. Brás	18.289	—	6.096	1965	4.300
Silves	31.156	—	4.450		
Tavira	29.133	—	5.826		
Vila do Bispo	4.199	—	4.199	1967	3.955
<b>TOTAL</b>	<b>312.510</b>	<b>2.331</b>	<b>3.955 (3)</b>		

(1) Segundo o censo de 1960.

(2) Este número resulta de serem considerados os sacerdotes religiosos, dos serviços centrais e do seminário de S. José, além dos adstritos directamente ao serviço paroquial que são 7.

(3) Este número resulta de serem considerados todos os sacerdotes da diocese, mesmo os impossibilitados e ausentes.

## CONSELHO PRESBITERAL DO ALGARVE (1967-70)

	Idade	CARGOS PRINCIPAIS
1. Analide Coelho Guerreiro . . .	36	Superior do Seminário e Secretário Diocesano da Catequese. (a)
2. António do Nascimento Patrício . . . . .	49	Pároco de S. Pedro de Faro. (a)
3. António José Cavaco Carrilho . . . . .	25	Director espiritual do Seminário, Secretário da O. V. S. e Assist. dos Cursos de Cristandade. (a)
4. Carlos do Nascimento Patrício . . . . .	47	Assist. da Junta Diocesana da A. C. e director da «Folha do Domingo». (c)
5. Henrique Ferreira da Silva . . . . .	42	Pároco da Sé de Faro e Reitor do Seminário. (a)
6. Henrique Marreiros Varela . . . . .	26	Pároco de Armação de Pera e Porches. (b)
7. João Alves Araújo . . . . .	57	Pároco de Odeáxere. (b)
8. João Baptista . . . . .	45	Superior dos Padres Franciscanos de Faro. (b)
9. João José Sustelo dos Santos . . . . .	24	Superior do Seminário. (b)
10. Joaquim Luís Cupertino . . . . .	38	Capelão militar. (b)
11. Jorge Vicente de Passos . . . . .	51	Pároco de Vila Real de Santo António. (b)
12. José António Nobre Duarte . . . . .	43	Pároco de S. Sebastião de Loulé. (b)
13. José Augusto Vieira Falé . . . . .	52	Pároco de Olhão. (b)
14. Manuel Francisco Pardal . . . . .	71	Presidente do Cabido e Chanceler. (a)
15. Manuel Vitorino Correia . . . . .	56	Pároco de Portimão. (b)
16. Sezinando de Oliveira Rosa . . . . .	56	Secretário do Episcopado Português. (c)

- A. Este Conselho foi instituído por um triénio, em 11 de Outubro de 1967.  
 B. Dos dezasseis componentes, cinco (a) foram designados em virtude dos seus cargos; nove (b) eleitos pelas três zonas pastorais da diocese; dois (c) escolhidos pelo Prelado.  
 C. A média de idade dos membros do Conselho é de 42,8 anos, sendo de 44,6 anos para os designados em virtude dos cargos, 43,5 para os eleitos e 46,5 para os escolhidos pelo Prelado.  
 D. O Conselho reuniu a primeira vez em 4 de Dezembro de 1967.

### SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL

Eleito em 17 de Junho de 1968

António do Nascimento Patrício  
 Analide Coelho Guerreiro  
 António José Cavaco Carrilho

### ZONAS PASTORAIS DA DIOCESE

*Zona ocidental:* — Aljezur, Vila do Bispo, Lagos, Portimão, Monchique, Lagoa e Silves.

*Zona central:* — Albufeira, Loulé, Faro e S. Brás de Alportel.

*Zona oriental:* — Alcoutim, Castro Marim, Vila Real de Santo António, Tavira e Olhão.

## MAPA DO CLERO DA DIOCESE DO ALGARVE (1967)

VIGARARIAS	CARGOS	Nasci- mento	Orde- nação
<b>ALBUFEIRA</b>			
1. José Manuel Semedo Azevedo . . . . .	Pároco de Albufeira . . . . .	1907	1931
2. José de Carvalho Carrusca . . . . .	Pároco de Pera . . . . .	1918	1944
3. Jaime dos Santos Reis . . . . .	Pároco de Paderne . . . . .	1920	1948
4. Alberto dos Reis Piscarreta . . . . .	Pároco da Guia e Coadjutor de Albufeira . . . . .	1942	1967
<b>CASTRO MARIM</b>			
5. Jorge Vicente de Passos . . . . .	Pároco de V. Real de Santo António . . . . .	1916	1940
6. António Oliveiros Henriques . . . . .	Pároco de Castro Marim, Azinhah e Odeleite . . . . .	1909	1942
7. Joaquim Fernandes Pinheiro Moreira . . . . .	Pároco de Glões, Alcoutim e Pereiro . . . . .	1927	1954
8. João Carvalho . . . . .	Coadjutor de Vila Real . . . . .	1922	1948
<b>FARO</b>			
9. Júlio Tavares Rebimbas . . . . .	Bispo do Algarve . . . . .	1922	1945
10. Manuel Francisco Pardal . . . . .	Sagração . . . . . Cónego, Chanceler da Cúria e Professor do Seminário . . . . .	1896	1919
11. José Cabrita . . . . .	Cónego e Oficial da Cúria . . . . .	1917	1939
12. Henrique Ferreira da Silva . . . . .	Cónego, Reitor do Seminário e da Sé de Faro . . . . .	1925	1948
13. Joaquim Jorge de Sousa . . . . .	Beneficiado, Capelão da Misericórdia e Professor . . . . .	1911	1937
14. Carlos do Nascimento Patrício . . . . .	Assistente da Junta Diocesana da A. Católica, Director da «Folha do Domingo» e Professor . . . . .	1920	1943
15. Clementino de Brito Pinto . . . . .	Chefe de Redacção da «Folha do Domingo» e Professor . . . . .	1924	1947
16. Analide Coelho Guerreiro . . . . .	Secretário Diocesano da Catequese e Prof. do Seminário . . . . .	1931	1957
17. David Gonçalves Sequeira . . . . .	Professor do Seminário e de Moral e capelão do Montenegro e de Santa Zita . . . . .	1931	1956
18. José Rosa Simão . . . . .	Vice-Reitor do Seminário . . . . .	1936	1960
19. António José Cavaco Carriho . . . . .	Director Espiritual do Seminário, Secretário da O. V. S. e Assistente dos C. de Cristandade . . . . .	1942	1965
20. António José Pereira Coelho . . . . .	Ecónomo e Professor do Seminário e capelão de Santo António do Alto . . . . .	1936	1963
21. João José Sustelo dos Santos . . . . .	Prefeito e Professor do Seminário e capelão de S. Luís . . . . .	1943	1966

VIGARARIAS	CARGOS	Nasci- mento	Orde- nação
22. João Manuel de S. José Coelho . . . . .	Prefeito e Professor do Seminário e capelão de S. Luís .	1944	1967
23. Virgílio Vieira Resende . . . . .	Secretário do Prelado . . . . .	1937	1961
24. Manuel Bárbara . . . . .	Pároco de Estoi . . . . .	1913	1935
25. António Inácio . . . . .	Pároco de Almancil . . . . .	1910	1939
26. António do Nascimento Patrício . . . . .	Pároco de S. Pedro . . . . .	1918	1941
27. Crisanto Baena Rivas . . . . .	Pároco de St.ª Bárbara de Nexe . . . . .	1900	1925
28. Leonel Diogo Ramos . . . . .	Escrivão da Câmara Eclesiástica . . . . .	1911 1875	1934 1898
29. José Lourenço . . . . .	Seminário de S. José . . . . .	1875	1898
30. João Baptista, O. F. M. . . . .	Superior da Igreja de S. Francisco e Assistente dos Cursos de Cristandade . . . . .	1927	1952
31. Mário Pereira Silvestre, O. F. M. . . . .	Comunidade Franciscana de Faro . . . . .	1899	1926
32. Amadeu Jorge Feliciano . . . . .	Comunidade Franciscana de Faro . . . . .	1933	1958
33. António Marques Crispim . . . . .	Comunidade Franciscana de Faro e Pároco da Conceição de Faro . . . . .	1934	1958
34. Jeremias da Silva Baptista (Dícono) . . . . .	Auxiliar da Sé de Faro . . . . .	1933	
35. Joaquim Correia Ferreira (minorista) . . . . .	Professor do Seminário . . . . .	1939	
<u>LAGOA</u>			
36. António Martins de Oliveira . . . . .	Pároco de Lagoa . . . . .	1916	1940
37. Silvério Ferreira da Silva . . . . .	Pároco de Estômbar . . . . .		
<u>LAGOS</u>			
38. José António Monteiro . . . . .	Pároco de S. Sebastião e de Santa Maria . . . . .	1900	1924
39. João Alves Araújo . . . . .	Pároco de Odeóxere . . . . .	1910	1937
40. Vitorino Jorge da Silva Amorim . . . . .	Pároco de Aljezur, Odeceixe e Bordeira . . . . .		
41. Júlio Tropa Mendes . . . . .	Coadjutor de Lagos e Pároco de Bensafrim, Luz e Barões . . . . .	1934	1961
<u>LOULÉ</u>			
42. João Coelho Cabanita . . . . .	Pároco de S. Clemente e Vigário da Vara . . . . .	1918	1941
43. José António Nobre Duarte . . . . .	Pároco de S. Sebastião . . . . .	1924	1950
44. Sebastião Amândio Viegas da Costa . . . . .	Pároco de Boliqueime . . . . .	1925	1949
45. António Lopes da Cruz . . . . .	Pároco da Quarteira . . . . .	1908	1936
46. João de Jesus Martins . . . . .	Pároco de Querença e Ametxial . . . . .	1917	1940

VIGARARIAS	CARGOS	Nasci- mento	Orde- nação
47. João Vicente Duarte da Cos- ta . . . . .	Pároco de Salir . . . . .	1902	1929
48. Francisco da Costa Rita . . . . .	Pároco de Alte . . . . .	1919	1944
<u>MONCHIQUE</u>			
49. José Jorge de Melo . . . . .	Pároco de Monchique e Al- ferce . . . . .	1910	1933
50. Vicente Alves de Araújo . . . . .	Pároco de Marmeleite . . . . .	1915	1941
51. Joaquim Beato . . . . .	Coadjutor de Monchique . . . . .		
<u>OLHAO</u>			
52. José Augusto Vieira Falé . . . . .	Cónego e Pároco de Olhão . . . . .	1915	1939
53. Américo Gomes dos Santos . . . . .	Pároco da Fuzeta . . . . .	1919	1944
54. Isidoro Domingos da Silva . . . . .	Pároco de Moncarapacho . . . . .	1909	1937
55. Manuel de Castro . . . . .	Pároco de Quelfes e Pechão . . . . .	1918	1944
56. Francisco Lucas Pacheco . . . . .	Olhão . . . . .	1877	1902
57. Manuel Augusto da Silva Santos . . . . .	Coadjutor de Olhão . . . . .	1938	1966
<u>PORTIMAO</u>			
58. Manuel Vitorino Correia . . . . .	Pároco de Portimão e Vigá- rio da Vara . . . . .	1911	1934
59. João Martiniano Correia de Matos . . . . .	Coadjutor de Portimão . . . . .	1916	1940
60. David José Marreiros Neto . . . . .	Pároco de Alvor e Mexilhoei- ra Grande . . . . .	1902	1929
61. Elísio Dias . . . . .	Coadjutor de Portimão . . . . .	1930	1967
<u>S. BRÁS DE ALPORTEL</u>			
62. Júlio Alves de Oliveira . . . . .	Pároco de Cachopo, Martin- longo e Vaqueiros . . . . .	1909	1932
63. Manuel Coelho Gomes . . . . .	Pároco de S. Brás . . . . .	1916	1941
64. António Fernandes da Rocha . . . . .	Coadjutor de S. Brás . . . . .	1942	1966
<u>SILVES</u>			
65. José dos Santos Oliveira . . . . .	Pároco de Silves . . . . .	1920	1944
66. João José Guerreiro . . . . .	Pároco de Messines . . . . .	1924	1946
67. Francisco de Assis Araújo . . . . .	Pároco de Alcantarilha . . . . .	1914	1939
68. Henrique Marreiros Varela . . . . .	Pároco de Armação de Pera e Porches . . . . .	1941	1966
69. Manuel Rufino da Silva . . . . .	Pároco de S. Marcos . . . . .	1927	1952
70. José Rodrigues de Almeida . . . . .	Pároco de Algós . . . . .	1916	1939
71. José Joaquim Nunes . . . . .	Coadjutor de Silves . . . . .	1941	1967
<u>TAVIRA</u>			
72. Manuel Garcia Dias Gonzalez . . . . .	Pároco de Santa Catarina . . . . .	1904	1948

VIGARARIAS	CARGOS	Nasce- mento	Orde- nação
73. José Arsénio Águas . . . .	Pároco da Luz e de Santo Estevão . . . . .	1910	1934
74. Jacinto Guerreiro Rosa . . . .	Pároco de Santa Maria e de S. Tiago . . . . .	1920	1944
75. António Duarte Franco Araújo de Sousa . . . . .	Pároco da Conceição e de Ca- cela . . . . .	1931	1956
76. Joaquim Luis Cupertino . . . .	Capelão Militar . . . . .	1929	1957
<u>VILA DO BISPO</u>			
77. Manuel Madeira Clemente . . . .	Pároco de Vila do Bispo, Sa- gres, Budens e Raposeira . . . .	1919	1944
<u>AUSENTES</u>			
78. Sezinando de Oliveira Rosa . . . .	Secretário do Episcopado, Monsenhor e Cónego da Sé Lisboa . . . . .	1911	1934
79. António Mateus da Silva . . . .	Lisboa . . . . .	1921	1944